

PUGILATO NA ÁFRICA ROMANA:

and similar papers at core.ac.uk

provided

Regina Maria da Cunha Bustamante*

Abstract

*Since Antiquity, the boxing – the combat with fist – was already practiced. The Roman dominion expanded it for all the Empire. In this article, we will deal with the boxing in Roman Africa based in the analysis of a figurative mosaic, dated from the end IIIth century and early IVth and proceeding from the inland city **Thuburbo Maius**. To that, we will approach the its particular historical context, that allow us to apprehend its cultural historicity.*

Keywords: boxing; Roman Africa; mosaic.

Resumo

*Desde a Antiguidade, o pugilato – combate com os punhos – já era praticado. O domínio romano difundiu-o em todo o Império. Neste artigo, trataremos do pugilato na África Romana a partir da análise de um mosaico figurativo, datado de fins do século III e início do IV e proveniente da cidade interiorana de **Thuburbo Maius**. Para tanto, abordaremos o seu contexto histórico específico, que nos permite apreender a sua historicidade cultural.*

Palavras-chave: pugilato; África Romana; mosaico.

Introdução

Nossa relação com a Antiguidade Clássica, além do distanciamento temporal de quase dois milênios, nos coloca um duplo problema: a ela, devemos alguns dos nossos valores essenciais; mas, como “herdeiros”, te-

* Professora e pesquisadora de História Antiga do Laboratório de História Antiga (LHIA) e do Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC) da UFRJ. Bolsista de Produtividade do CNPq.

mos a liberdade de dispor da nossa “herança”. As referências às práticas esportivas na Grécia e Roma Antigas inserem-se mais nos debates ideológicos da contemporaneidade, a qual se apropria deste passado de acordo com os diferentes interesses no decorrer do tempo e constrói, a partir da dialética do reconhecimento-estranhamento, os seus discursos. Kyle (2007, p. 4) identificou alguns princípios que pautaram tradicionalmente os estudos sobre esportes na Antiguidade: “amadorismo, atletismo, classicismo, idealismo, helenismo, eurocentrismo e, especialmente, olimpismo”. Para o autor, é necessário estar sensível a “proeminência, variedade, distinções culturais e funções dos esportes e espetáculos nas sociedades antigas” e explicar como estas atividades ocorriam em seu contexto histórico específico, observando seus aspectos sociais, cívicos e religiosos, evitando assim anacronismos e juízos de valor que distorçam a sua compreensão ou neguem sua existência em outras temporalidades. (KYLE, 2007, p. 3) Considera que “o esporte, de alguma forma, é um fenômeno humano universal, que o agonismo (competitividade, agressividade) é fundamental para socialização humana e sobrevivência (...)” (KYLE, 2007, p. 4). Entretanto, isso não implica dizer que os esportes não tenham “adaptações locais e variações no tempo e espaço”; eles envolvem “construções culturais locais, negociações, diálogo e discurso” (KYLE, 2007, p. 4). Apesar de o termo esporte ser moderno, não há impedimento de se aplicá-lo aos fenômenos antigos, já que essas atividades estavam presentes nessas sociedades, tendo, porém, o cuidado de considerar suas especificidades culturais (KYLE, 2007, p. 9-10). É por esse viés que o presente artigo se desenvolverá.

1. Embates historiográficos

Os antigos romanos praticavam três tipos de modalidades esportivas de combate: a luta em pé,² o pancrácio (*pancration*)³ e o pugilato ou boxe (*pugilatio*). Este último se caracterizava por empregar apenas golpes com os punhos (*pugnus*).

Nos seus estudos sobre atividades desportivas no mundo antigo, Gardiner (2002; original de 1930) e Poliakoff (1987) nos apresentam cenas egípcias e mesopotâmicas de confronto entre pares de lutadores com os punhos nus, que datam do II milênio a.C.⁴ Apontam, contudo, que a luta com algum tipo de equipamento nas mãos (tiras de couro leves ou cortantes – *myrmeekes*;⁵ *sphairai* ou *episphairai*;⁶ ou *caestus*)⁷ é, de maneira geral, típi-

ca dos mundos grego e romano. Num vaso de pedra, originário de Creta do período minóico (cerca de 1500 a.C.), o punho do lutador já se encontra coberto. Entretanto, os dois autores (GARDINER, 2002, p. 197 e POLIAKOFF, 1987, p. 68) enfatizam que, dificilmente, se pode estabelecer uma conexão entre o pugilato cretense e o grego, distantemente do que ocorre entre o grego e o romano, como comprovam a documentação escrita⁸ e imagética.⁹ Isso, no entanto, não implica dizer que não existissem distinções nos equipamentos dos punhos e nas formas de utilizá-los.

Se Gardiner (2002) e Poliakoff (1987) acentuam a continuidade entre o pugilato grego e o romano, Thuillier (1996), por sua vez, denuncia este “grecocentrismo”, que, para ele, também traria implícito um “antietrusquismo”. Assim, ao abordar o esporte na Roma Antiga, e mais especificamente o pugilato (THUILLIER, 1996, p. 15-24), o autor enfatiza como esta prática esportiva teve um papel relevante na sociedade etrusca, fundamentando-se, para tanto, em imagens presentes em vasos, bronzes, estelas funerárias, baixos-relevos etruscos e, sobretudo, nas decorações de afrescos das tumbas das cidades de Tarquínia e Chiusi. Interessante constatar que Gardiner (2002, p. 121), apesar de tratar os esportes romanos relacionando-os aos jogos etruscos, fez um uso diferenciado dos afrescos das tumbas etruscas: seleciona o exemplar da denominada **Tomba delle Bighe**, em Tarquínia, datada de cerca de 500 a.C., para observar a possibilidade de ser obra de um artista grego. Aprofundando a questão, conclui que “as cenas de palestras¹⁰ nas tumbas etruscas eram, freqüentemente, trabalho de artistas gregos, pois os próprios esportes eram inteiramente estranhos ao norte da Itália, como é evidente pelos erros cometidos pelos artistas nativos que os reproduziam” (GARDINER, 2002, p. 121). Constatamos que esse autor não considera que possa haver diferenças entre as práticas esportivas grega e etrusca, como se a maneira grega fosse a única existente e, portanto, a correta, logo, as outras manifestações seriam cópias imperfeitas do grego. O autor estende essa concepção a imagens etruscas contidas em outros suportes: “as cenas nestas *situlae*¹¹ eram retiradas, em sua maioria, da vida etrusca, o grupo do boxe, indubitavelmente, é derivado de pinturas de vasos gregos, possivelmente por meio de cópias etruscas” (GARDINER, 2002, p. 121).

A paixão pelo pugilato – ao lado das competições hípicas – foi uma característica marcante do mundo etrusco, do qual Roma participou em seus primórdios, o que foi decisivo para partilharem a predileção por essas duas modalidades esportivas. Thuillier remonta a tendência de valorizar a

origem grega dos esportes em Roma aos antigos historiadores helênicos (e.g., Heródoto e Dionísio de Halicarnasso) e romanos (como Tácito), o que foi reproduzido por parte significativa da historiografia contemporânea. Questionando esse “lugar comum”,¹² o estudioso destaca as imagens etruscas de práticas desportivas datadas do século VI a.C., quando Roma se encontrava sob o domínio etrusco, que então abarcava o norte e o centro da Itália. Chega a ser irônico ao rebater a afirmativa de Heródoto (**História** I, 167) de que os etruscos, a partir de uma consulta ao Oráculo de Delfos, teriam implantado as competições atléticas e equestres em honra aos focueis,¹³ mortos justamente por etruscos e cartagineses em batalhas navais ocorridas nos anos de 540 a.C., para apaziguar os seus *Manes*:¹⁴ “Como se vê, os elementos helênicos não faltam neste contexto e a Etrúria aparece de rol-dão neste domínio como devedora de Delfos e mais ainda como uma simples província da Hélade” (THUILLIER, 1996, p. 16). Thuillier (1996, p. 17-18) contrapõe o historiador grego Heródoto ao historiador latino Tito Lívio, que narra a realização de competições esportivas em Roma, mais suntuosas que as oferecidas pelos governantes anteriores, para celebrar a vitória romana sobre os latinos durante o reinado de Tarquínio Prisco¹⁵ (616 e 578 a.C.). Na ocasião, houve corridas equestres e pugilato, com lutadores “oriundos, sobretudo, da Etrúria” (**História de Roma** I, 35, 8). Assim, conclui que, desde fins do século VII a.C., esses dois tipos de atividades esportivas eram conhecidos por algumas cidades etruscas. O autor acrescenta ainda o “antietrusquismo” ao “grecoentrismo” dos antigos autores, notadamente helênicos, que difundiram uma imagem pejorativa dos etruscos, considerados dissolutos, pouco afeitos ao trabalho e entregues à luxúria. É exatamente este último qualificativo que é empregado por Gardiner (2002, p. 119-120) para descrever o estilo de vida etrusco. Thuillier (1996, p. 20) fornece uma explicação para tal postura:

*De fato, esta acusação de **truphê** – para retomar o termo helênico – traduzia apenas a inveja dos próprios gregos em relação a um povo que usufruía de condições econômicas muito favoráveis e que, escandalosamente, permitia que suas mulheres tivessem um papel não negligenciável na vida social.*

O sectarismo das duas posturas historiográficas sobre o pugilato na Roma Antiga acaba por restringir uma compreensão mais dinâmica e plural da realidade social em foco. Ao desenvolverem uma perspectiva unitária,

monolítica, sobre a questão, demonstram uma insensibilidade para a singular hibridez das experiências histórico-culturais. Nenhuma cultura existe em estado isolado, sendo fruto da interação de diferentes tradições culturais. A interação cultural requer uma concepção de cultura como historicamente reproduzida na ação. Nesse contexto, as interações culturais implicariam dinamismo/transformação/alteração/variação de culturas seja em termos diacrônico ou sincrônico (SAHLINS, 1991, p. 180). As culturas são gestadas e transformadas dentro de um contexto histórico e social complexo. Assim, durante o processo de busca pela hegemonia, primeiro na Península Itálica e depois no Mediterrâneo, Roma interagiu com diferentes culturas, dentre elas, a etrusca e a grega. É necessário, pois, observar e analisar as múltiplas interpenetrações do patrimônio simbólico cultural, a intensa circulação e as apropriações culturais, que transcendam às concepções monolíticas através das experiências relacionais.

2. Pugilato no mundo romano

O pugilato foi bastante apreciado na Roma Republicana e Imperial. No século II a.C., o comediógrafo latino Terêncio, na sua peça **A sogra** 33-36, gracejou que o fracasso da primeira vez que sua comédia foi encenada em Roma deveu-se à concorrência com a realização de uma luta com um pugilista famoso. No período imperial, esse apreço manteve-se, como evidenciamos pelo biógrafo latino Suetônio, em **Vida de Augusto** 44-45, quando narra a pressão popular sobre este governante (27 a.C.-14) para que ocorresse uma luta. Pelo mesmo autor, inferimos que o pugilato estava difundido na África Romana desde o século I, pois o imperador Calígula (37-41) “deu, várias vezes, combates de gladiadores, seja no anfiteatro de Tauro, seja no recinto das eleições, no qual reunia **grupos de pugilistas escolhidos entre os mais hábeis da África** e da Campânia” (SUETÔNIO. **Vida de Calígula** 18; negrito nosso).

O pugilato, juntamente com a luta e a corrida a pé, compunham o triatlo romano (THUILLIER, 1996, p. 113-114), uma variação do pentatlo helênico,¹⁶ composto por: corrida a pé, salto em distância, arremesso de disco, lançamento de dardo e a luta, não abarcando, portanto, o pugilato. Observa-se que, no triatlo romano, predominavam os esportes de contato, especificamente, os de combate. Poliakoff (1987, p. 89-115), ao abordar “a natureza e propósito do esporte de combate”, busca compreender os varia-

dos e complexos aspectos desta atividade nas sociedades antigas, tais como: questões éticas, médicas, militares e políticas, que freqüentemente se entrelaçavam. O autor atenta para suas especificidades nas diferentes culturas da Antiguidade. Entretanto, o modelo helênico ainda é o parâmetro da sua análise e, nesta comparação, é reforçado o estigma da violência desenfreada dos romanos frente ao caráter propedêutico cívico dos atenienses (POLIAKOFF, 1987, p. 90):

(...) A indiferença romana para com o comportamento e o bem-estar dos atletas (que eram, geralmente, vistos como infames) é, é claro, facilmente previsível – uma sociedade, acostumada a assistir gladiadores assim como execuções públicas na arena, seria avessa a se preocupar com os ferimentos sofridos pelos atletas em esporte de combate. Mas, a sociedade grega (excetuando Esparta) não encorajava a crueldade gratuita, especialmente direcionada aos seus próprios cidadãos, e abominava ilegalidades.

Essa passagem é representativa do que Kyle (2007, p. 5) denominou de “oposições polares” entre o esporte grego e os espetáculos romanos: o primeiro, considerado como admirável, puro, participativo, amador, gracioso, belo, nobre e inspirador; os outros, decadentes, vulgares, espetaculosos, profissionais, brutais, desumanos e degradantes. O *ethos* violento dos combates romanos está costumeiramente presente na historiografia tradicional, sobretudo, associando-o aos gladiadores.¹⁷ Tal perspectiva foi reforçada pelas críticas judaico-cristãs aos espetáculos romanos (ver: BUSTAMANTE, 2005, p. 221-245).

Além dos aspectos anteriormente mencionados por Poliakoff para compreender a natureza dos esportes de combate, outros também devem ser considerados, como o psicológico (e.g., BARTON, 1993) e o religioso.¹⁸ As competições atléticas na Roma Antiga ocorriam, geralmente, por ocasião dos jogos (*ludi*), cujo início foi marcado por um caráter religioso.¹⁹ Originalmente, os jogos eram dados extraordinariamente em resposta a um oráculo, para ganhar os favores de uma divindade religiosa ou, pelo contrário, afastar sua cólera, em um esforço para manter a paz com os deuses (*pax deorum*), que assegurava o bem-estar da comunidade, sem a qual a cidade não podia seguir o seu destino. Essas atividades visavam, portanto, garantir uma boa colheita, ter os deuses ctônicos e seus mortos bem dispostos (*in bono animo*), manter o Estado firme e inexpugnável, agradecer aos imor-

tais pelas vitórias alcançadas nos campos de batalhas, mitigar-lhes a cólera nos momentos de crise e honrar os seus heróis ilustres. Sob a República, os jogos acompanhavam as festas religiosas, sendo considerados uma das práticas do culto público. Distinguiam-se os jogos privados (*ludi privati* ou *votivi*),²⁰ oferecidos por particulares, e os jogos públicos (*ludi publici* ou *solemnes*), organizados pelo Estado através dos seus magistrados.²¹ No decorrer do tempo, os principais jogos públicos tornaram-se ordinários, ao serem inscritos no calendário religioso e celebrados anualmente. Entretanto, ainda permaneceram os jogos extraordinários (*ludi votivi*), que eram oferecidos em épocas não determinadas, de uma única vez, para comemorar um evento importante, sendo organizados pelo Estado ou por particulares, em tese com anuência e sob vigilância das autoridades.²²

No período imperial, em virtude do reconhecimento do potencial político dos *ludi* como instrumento para obter apoio e popularidade, as autoridades imperiais passaram a organizar e centralizar o oferecimento dos principais jogos públicos na cidade de Roma, inseridos no calendário religioso romano. Nas províncias, era a elite local que patrocinava esse tipo de atividade, que lhe trazia prestígio social. A prática de financiamento de jogos, construções públicas, embelezamentos do espaço público, banquetes, distribuição de dinheiro e alimentos para os cidadãos pela elite local, inseria-se no gênero de vida urbana do Império Romano; criava uma solidariedade, ao abranger os diferentes grupos sociais. Era uma questão de obrigação (*munus*) para a elite local, especialmente por ocasião da sua ascensão às dignidades públicas ou municipais (LUSSANA, 1952, p. 100-113; DUNCAN-JONES, 1963, p. 159-177, 1963; VEYNE, 1976). Nesse processo, como se objetivava a promoção social, era imprescindível o reconhecimento público, condição necessária para uma carreira local, o que ocorria através das prodigalidades, como a organização e o financiamento de jogos, que tinham um caráter acentuadamente espetacular.

Um dos aspectos mais característicos da cultura da Roma Antiga foi justamente sua dimensão espetacular, que estava onipresente nas suas mais diferentes atividades. De fato, o espetacular impunha-se tanto na vida pública quanto na privada. Meneses²³ considerou as sociedades da Antiguidade Clássica como escópicas, ou seja, estavam sempre à mostra. Assim, as práticas esportivas na Roma devem também ser compreendidas por esse viés. Kyle (2007) salienta a imbricação profunda entre esporte e espetáculo na Antiguidade, situação que também se verifica na contemporaneidade, e

os considera como importantes referenciais identitários das sociedades clássicas. O autor ressalta a proximidade entre os antigos espetáculos romanos (desde as corridas de carruagens aos combates gladiatoriais) e os esportes modernos, por sua popularidade, escala, arquitetura: eram entretenimentos de massa, o que fomentou que se aplicassem à civilização romana modelos sociológicos e antropológicos para compreender o papel das exposições, performances e jogos violentos, a psicologia das multidões numa sociedade urbana, a instrumentalização cultural e a difusão de uma política imperial romana através dos espetáculos (KYLE, 2007, p. 9).

Na África Romana, os concursos esportivos parecem remontar à época dos imperadores da dinastia dos Severos (193-235), de origem afrasíria. Nesse período, foram criados os grandes concursos das *Severia* (em homenagem aos Severos), em *Caesarea* (Cherchell, na Argélia), e das *Asklepeia* (em honra a Asclépio/Esculápio, deus da medicina e filho de Apolo) e *Pythia* (em honra a Apolo), em Cartago (KHANOUSSI, 1994, p. 169-170; THUILLIER, 1996, p. 55). A realização deste último concurso conheceu um sucesso considerável. O africano Tertuliano, apologista cristão de fins do século II e início do III, fez uma referência sarcástica a isso, no seu tratado **Scorpiace** I, VI, 2: “Hoje ainda as cidades, uma a uma, fatigam Cartago com suas felicitações por ter recebido um concurso pítico próximo ao velho estádio”. Os espetáculos de jogos atléticos e de pugilato na África não se limitavam aos concursos nas grandes cidades. Existiam também concursos locais ou ocasionais para celebrar eventos públicos ou privados. Várias inscrições epigráficas de distribuição de azeite para o ginásio atestam a larga difusão da prática de atletismo nas cidades africanas (KHANOUSSI, 1994, p. 169).

O cuidado com o corpo entre os antigos romanos se inseria na vida coletiva das cidades, principalmente através da *terma*. Para Grimal (2003, p. 79), a *terma* foi uma invenção romana derivada do ginásio helênico. O arquiteto latino Vitrúvio (**Arquitetura** V, 11, 1) reconhecia que os italianos não eram afeitos à construção de palestras e ginásios, distintamente dos gregos, cuja paixão foi também expressa numa carta do imperador Trajano (98-117) a Plínio, o Jovem: “estes pequenos gregos (*Graeculi*) são loucos por seus ginásios” (**Carta** LX, 2). Aos olhos de tradicionalistas romanos, o ginásio representava a perversão grega (GARDINER, 2002, p. 117-118). Cipião, o Africano, causou escândalo ao participar de exercícios de ginásio na Sicília em 204 a.C. (TITO LÍVIO. **História de Roma** XXIX, 19, 12).

Enquanto os ginásios eram locais onde ocorriam, genericamente, exercícios físicos e práticas esportivas (dentre elas, inclusive, o pugilato), nas palestras, especificamente, acontecia o treinamento físico de meninos para os esportes de combate. Localizavam-se dentro das cidades e eram construções com um pátio descoberto no centro, rodeado por um pórtico e com acomodações em torno, que serviam como vestuários e banheiros (GARDINER, 2002, p. 72). Segundo Gardiner (2002, p. 72), entre os gregos, as palestras pertenciam, em sua maioria, a indivíduos privados, distantemente dos ginásios, que eram instituições públicas, abertas a todos os cidadãos e localizadas geralmente fora da cidade. Os proprietários das palestras eram freqüentemente mestres de escola, que ali realizavam o treinamento físico dos seus alunos. Quando não requeridas para esse tipo de atividade, as palestras poderiam também receber antigos alunos e homens adultos.

No mundo romano, no entanto, foram as termas que assumiram um papel multifuncional. Dentre as atividades que abrigavam, encontravam-se as práticas esportivas. Veyne (1990, p. 193-194) afirma que a melhor parte do dia dos romanos transcorria no complexo termal. Era um importante local não apenas de cuidado com o corpo, mas de socialização, no período imperial. Ao final da tarde, quando a jornada de trabalho se encerrava e antes do jantar, costumava-se freqüentá-las.²⁴ Passavam-se, em média, duas horas diárias nesse local. Relaxados, seus usuários se entregavam ao convívio social. Assim, além de servir para a higiene, já que as casas populares não tinham banheiros privativos, as termas eram utilizadas para encontros, conversas, negócios, jogos de dados, leituras²⁵ e exercícios físicos. Geralmente, havia um espaço descoberto, cercado ou não de pórticos, e, às vezes, com uma piscina, para as atividades esportivas. Durante o Império, as termas se multiplicaram; não havia cidade que não tivesse pelo menos uma. Todos tinham acesso aos banhos.²⁶ Os estabelecimentos termais passaram a ser construções cada vez mais suntuosas: as palavras de ordem eram luxo e conforto; daí Robert (1995, p. 55) denominá-los de “*villa do pobre*”. Caracterizavam-se por uma grande agitação, pela freqüência variada, e com os mais diferentes fins.

Gradualmente, a prática de convívio social nas termas foi dando lugar aos banhos particulares nas casas mais abastadas. Passaram-se a construir banhos privativos, onde somente os iguais podiam tomar parte e onde, acima de tudo, se afirmou um novo pudor corporal. Nesse processo, pode

ter contribuído a falta de condições dos seus equivalentes públicos. Para Thébert (1990), houve uma crescente especialização de lugares na arquitetura doméstica das residências urbanas da elite (*domus*) na África Romana do Baixo Império, que pode ser evidenciada nos banhos privativos, que foram acrescidos ao plano primitivo das moradias. Isso marca uma importante transformação: a casa rica tendeu a aumentar sua autarcia, em detrimento de uma noção mais coletiva de conforto. Tal transformação coadunava-se com um quadro de hierarquização social cada vez mais concentrado, permitindo aos aristocratas preservar as distâncias desejadas dos demais membros da sociedade. Assim, o crescimento do conforto privado permitiu aumentar o distanciamento social entre os diferentes grupos, e a pudicícia, uma nova forma de lidar com a nudez e os odores corporais. O cristianismo contribuiu para a hegemonização desse novo pudor. Houve censura à licenciosidade das termas.

3. Interpretando o discurso imagético do mosaico

Na Antiguidade, em que o domínio da escrita era privilégio de poucos e tinha uma circulação restrita, a imagem constituiu-se numa forma de comunicação com maior amplitude que a escrita. Inseria-se, ainda, e muito mais profundamente que os textos escritos, na vida cotidiana do mundo clássico, familiarizando seus integrantes entre si através de representações idealizadas e vivenciadas. Contemplando ou fabricando-a, cotidianamente as sociedades antigas a utilizavam, decifravam e interpretavam. Havia uma grande variedade de suportes nos quais as imagens eram inscritas, dentre eles, os mosaicos, que, no mundo romano, se constituíram num relevante e presente marco decorativo: exemplares foram encontrados desde a Síria à Inglaterra.²⁷

Na África do Norte, havia uma tradição musiva púnica. Entretanto, com o domínio romano, houve sua interrupção, embora subsistisse em algumas cidades púnicas. Por volta do final do século I e início do II, mosaístas criavam mosaicos geométricos em preto e branco com padrões muito simples, semelhantes aos italianos do mesmo período, relegando suas próprias tradições. O estilo musivo africano começou a se desenvolver em meados do século II, favorecido pela prosperidade norte-africana, quando os mosaístas da região afastaram-se dos padrões italianos e introduziram, gradualmente, a policromia nas bordas e a integração de elementos florais e

geométricos. Produziram-se, então, mosaicos figurativos, que seguiam a tradição helenística, com cenas idílicas e mitológicas. O estilo africano chegou a sua maturidade a partir do século III, e foi disseminado noutras partes do Império. Esse estilo caracterizou-se pelo uso da policromia e pela representação, em fundo branco, de cenas inspiradas na realidade ao seu redor,²⁸ como é o caso do presente mosaico.

O mosaico selecionado foi encontrado na cidade interiorana de Thuburbo Maius (atual Henchir Kasbet na Tunísia), pertencente à província romana da África Proconsular.²⁹ Essa cidade localizava-se numa fértil área agrícola, que se destacava tradicionalmente pela oleicultura. Atuava no comércio desta produção entre o interior e as cidades costeiras (Hadrumetum e Cartago). De origem púnica,³⁰ foi agravada com pesados tributos, por apoiar Cartago nas Guerras Púnicas. Em 128, tornou-se município romano (Municipium Aelium Hadrianum Thuburbo Maius) no governo do imperador Adriano (117-138). Em 188, sob o imperador Cômodo (177-192), oriundo de uma dinastia afro-síria, Thuburbo Maius foi alçada à colônia honrária (Colonia Iulia Aurelia Commoda Thuburbo Maius).³¹ Esse título honorífico assimilava os cidadãos da comunidade provincial aos de Roma e a obrigava, teoricamente, a renunciar ao que restava de seu próprio direito, para adotar integralmente o direito romano, indício da sua aceitação e inserção na ordem imperial romana.³² Entretanto, não excluía a convivência de elementos de diferentes culturas, como constatamos na organização espacial desta cidade (ver ILUSTRAÇÃO 1): entre as estreitas e tortuosas ruas, que seguiam a tradição urbanística púnica, foram erguidas construções tipicamente romanas (Capitólio,³³ Fórum,³⁴ Termas de Verão³⁵ e Inverno,³⁶ Arcos, Mercado e Anfiteatro), edifícios religiosos para divindades de origem local (Dea Caelestis / Dea Africa³⁷ e Baalat³⁸), romana (Paz³⁹ e Mercúrio) e grega (Esculápio/Asclépio), bem como uma palestra⁴⁰ nos moldes helênicos. No século II e início do III, a prosperidade da cidade se materializou em intensa atividade edilícia pública e privada.⁴¹ O mosaico é datado desse período.



Ilustração 1:
PLANTA BAIXA DO
SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE
THUBURBO MAIUS

(Disponível em: www.quid.fr)

Observando a planta baixa de Thuburbo Maius, evidenciamos a presença significativa de edifícios (termas e palestra) próximos, que eram voltados para o cuidado do corpo. Na mesma ambiência, podemos também inserir o Santuário de Esculápio, por ser o deus da Medicina e filho de Apolo, divindade para a qual eram dedicados os Jogos Píticos. Ademais, em homenagem ao próprio Esculápio, na África Romana, a partir da dinastia dos Severos (193-235), eram realizadas as *Asklepeia*.

O mosaico em foco decorava o pavimento do *tepidarium* (sala de banho morno) da Casa do Labirinto⁴² (FANTAR *et al.*, 1994, p. 170; KHADER *et al.*, 2003, p. 530). A escolha da técnica do mosaico para ornar esse ambiente, sem dúvida, satisfazia requisitos que a pintura não tinha, especialmente a durabilidade, quando se tratava de locais úmidos, como era o presente caso. Mesmo reconhecendo que os mosaicos de chão forneciam uma superfície lisa e resistente para ser pisada, seria uma simplificação afirmar que eles se desenvolveram somente a partir do desejo de tornar os pavimentos mais duráveis, já que havia muitos outros tipos de pavimentos utilitários – os de argamassa, lajes de pedra e cerâmica (incluindo frag-

mentos de telhas ou potes) – tão resistentes e à prova de água quanto os mosaicos. Assim, a melhoria na aparência dos cômodos através da decoração musiva era um aspecto importante, como comprova a difusão desta técnica. Foi esse papel estético que promoveu o sucesso do mosaico em tesselas.

O mosaico em questão⁴³ é um **emblema**⁴⁴ em tesselas⁴⁵ policromáticas, figurativo em fundo branco e emoldurado de mosaicos geométricos em preto e branco. Na cena figurativa, observamos dois combatentes nus, como era costume entre atletas gregos.⁴⁶ Mas, não era apenas na Hélade que ocorria a nudez atlética; também estava presente nas competições etruscas, desde o último terço do século VI a.C. (THUILLIER, 1996, p. 29-30).



Ilustração 2:
MOSAICOS DOS DOIS
PUGILISTAS

(KHADER *et al.*, 2003, fig. 225;
FANTAR *et al.*, 1994, p. 170-171;
YACOU, 1993, fig. 58 na p. 109)

Os rostos dos pugilistas foram representados frontalmente, enquanto o corpo, de perfil. A representação frontal do rosto significa uma infração à norma de perfil, que é um dos processos gráficos que indica uma interrupção das relações visuais entre os atores da narrativa figurada (FRONTISIDUCROUX, 1995). Apoiando-nos no método semiótico proposto por Bérard (1983, p. 5-37), consideramos o olhar frontal como uma técnica ou habilidade (*téchne*) utilizada pelo artesão para enfatizar uma mensagem. Assim, esse olhar seria um convite ao leitor para a participação da experiência representada na imagem. A intencionalidade comunicativa do olhar frontal dos boxeadores com os leitores da sua imagem pode também ser compreendida através das proposições de Calame (1986). Esse autor anali-

sou a representação da figura humana, e, em particular, do jogo dos olhares, na cerâmica clássica. Tal como Bérard, concluiu que os “olhares” não foram feitos ao acaso. Inferiu, para as imagens da cerâmica grega, um jogo de olhares entre os elementos que compõem o enunciado icônico e o receptor. O estudioso deduziu três situações: o olhar de perfil, quando os personagens olham-se entre si, não se preocupando com o receptor nem se interessando pela sua presença; o olhar de $\frac{3}{4}$, quando o personagem, ao mesmo tempo, olha para a situação do enunciado – para o interior do texto – e para o receptor, como se o estivesse convidando a participar junto com ele da situação; e o olhar frontal, em que o personagem estaria diretamente voltado para o receptor e dialogando com ele. Especificamente neste último, evidenciou a confrontação com o receptor da imagem visando chamá-lo para fazer parte do enunciado, como no mosaico ora em análise.

O lutador da direita, imberbe, está de pé com os braços estendidos para o adversário, como se acabasse de golpeá-lo, levando-o ao chão. O boxeador da esquerda, portando barba cerrada, está agachado numa atitude defensiva, e da sua cabeça escorrem dois filetes de sangue, numa clara posição de inferioridade e fragilidade frente ao seu contendor. Tradicionalmente, a barba nas imagens clássicas era um sinal diacrítico de idade adulta (LESSA, 2005a, p. 61), o que nos leva a concluir que o lutador mais jovem está submetendo o mais idoso. Assim, se em outras atividades, como a política, a judiciária e a intelectual, a experiência e a autoridade eram demandadas, nas competições esportivas, o vigor físico do jovem era uma vantagem que se sobrepunha às demais. Uma outra diferenciação entre os lutadores do mosaico, além da etária, é a massa corpórea: o mais jovem é mais corpulento, enquanto o outro é mais delgado e alto. A robustez do lutador e sua baixa estatura proporcionavam trunfos no combate: um centro de massa (ponto no qual, caso toda a massa do corpo fosse concentrada, não tombaria para nenhum lado) mais baixo acarreta um melhor equilíbrio.

No mosaico, os dois lutadores têm suas mãos cobertas. Até o século IV a.C., os equipamentos visavam mais proteger das fraturas os nós dos dedos de quem atacava do que amaciar o golpe desferido no adversário, mas não eram, necessariamente, armas ofensivas. Contudo, essa situação se modificou quando começou o uso das correias cortantes, que consistiam em luvas sem os dedos, que recebiam um reforço externo de tiras de couro endurecidas e inflexíveis, especialmente, nos nós dos dedos, formando uma placa, que dava ao punho uma ponta cortante: eram os *myrmekes*. Essas

luvas eram amarradas até o alto dos antebraços e eram revestidas com pele de carneiro para proteger a região. Para treinamento, utilizavam-se luvas denominadas de *sphairai* ou *episphairai* (bolas), descritas, pela primeira vez, por Platão (**As leis** 830a-831a), que ressalta o seu caráter seguro e não ameaçador, promovendo, assim, um treinamento vigoroso e sem medo. Distintamente, Plutarco (**Moralia** 825e) considera que essas luvas fazem do combate um ato inofensivo e geram golpes suaves e sem dor, se comparadas às abrasivas luvas com correias cortantes, afetando, portanto, o vigor da contenda. Os ilírios contribuíram com equipamento em formato de feradura, e os romanos, com o *caestus*, que era revestido internamente com pesos e externamente, cravos metálicos na ponta, chegando quase até o ombro, protegendo todo o braço.

No mosaico, os lutadores portam *sphairai* ou *episphairai*, equipamento utilizado para treinamento, o que estaria condizente com a existência da Palestra dos Petronii em Thuburbo Maius. O sangramento na cabeça de um dos lutadores mostra que, mesmo nessas condições, o combate era ameaçador, contrariamente ao que Platão considerava, e não tinha ser vigor minimizado, conforme temia Plutarco. Thuillier (1996, p. 149-150) levanta a hipótese – diga-se de passagem, de difícil comprovação – de que, apesar da aparência de *sphairai*, não o seria: “sem dúvida, trata-se aqui da inabilidade dos artesãos, que encontraram esta solução mais fácil (fazer um *caestus* de maneira precisa não era, de fato, coisa fácil para um mosaísta).”

No pugilato, os golpes eram dados essencialmente na cabeça, o que levava à guarda alta e ao braço distendido, como representado nessa imagem musiva. Os golpes no corpo não eram expressamente proibidos. Não havia assaltos (*rounds*) regulares, e o combate terminava quando um dos concorrentes estivesse exausto ou reconhecesse sua derrota levantando o braço (THUILLIER, 1996, p. 114-115; MARROU, 1990, p. 195). Não era ainda o caso nesse mosaico, mas o desfecho estava bem próximo e já delineamos o vencedor. Lessa (2005b, p. 327-328) enfatiza que, distintamente da concepção atual de que “O importante é competir” (frase do Barão de Coubertin, realizador dos Jogos Olímpicos modernos), entre os antigos, “o importante era vencer”, pois imortalizava o vencedor na memória da sociedade.

Uma das características do estilo musivo da escola africana foi a renovação do seu repertório iconográfico, inspirado mais pela realidade ao seu redor do que por meras tradições das oficinas de mosaicos. Os

mosaicistas da região criaram cenas que tratavam particularmente de aspectos da vida cotidiana, dentre elas, os jogos. Aqueles que comissionavam os mosaicos, estavam ansiosos para verem comemorados os espetáculos que eles ofereciam de modo tão luxuoso para seus concidadãos. Desse modo, faziam-nos reproduzir nos mosaicos, que pagavam para decorar os vários aposentos das suas residências e os espaços públicos de grande circulação, visando propalar e memorizar sua munificência. Os vários mosaicos com cenas de espetáculos demonstram a pronunciada predileção pelo circo (corridas de carro) e anfiteatro (combate de gladiadores e caçadas). Entretanto, o atletismo também contava com apreciadores, como deduzimos pelo presente mosaico.

Conclusão

É imprescindível analisarmos o mosaico inserido em seu contexto histórico específico, o que nos permite apreender a sua complexidade, a sua historicidade cultural. O termo cultural é utilizado num sentido mais amplo, abarcando atitudes, mentalidades e valores e suas expressões, concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações. Para se compreender a cultura visual da antiga sociedade romana, devemos atentar para o consumo social que, basicamente, tece hierarquias e consolida bases, lugares e relações de poder.

Partimos da premissa de que o produtor da imagem – no caso, o contratante do trabalho do mosaísta – escolheu a temática e o local de exposição. É um registro permanente do apreço pelo combate, reafirmando sua pertença à civilização romana e memorializando uma performance. A ascensão da dinastia dos Severos ao poder imperial beneficiou muito a África Romana. No século IV, essa região era próspera⁴⁷ devido, sobretudo, à produção e comercialização de cereais, azeite e vinho, o que favoreceu o financiamento pela elite de espetáculos. O poder dessa elite advinha das suas propriedades fundiárias; era ela que, comumente, comissionava os mosaicos. Esses expressavam uma sociabilidade condizente com a unidade cultural do período romano, utilizando um código visual comum com símbolos conhecidos, necessários para tornar compreensível a mensagem aos leitores. Havia temáticas que eram reproduzidas e se inseriam na retórica, que teve papel central na construção do pensamento e expressão da elite do mundo clássico. Esse documento, datado do século IV, constitui um teste-

munho de grande valor sobre a difusão dos esportes de luta no Mediterrâneo Ocidental. Era uma maneira de comunicar experiências e acontecimentos dentro de certa espécie de moral ou rede social; era uma forma de expressar alguns “significados compartilhados” (HUSKINSON, 2000, p. 7), que fundamentavam a cultura da qual se originava, construindo e consolidando uma identidade romana no Mediterrâneo.

Documentação imagética

BLANCHARD-LEMÉE, M. *et al.* **Mosaics of Roman Africa**; floor mosaics from Tunisia. London: British Museum Press, 1996.

DUNBABIN, K. M. D. **Mosaics of the Greek and Roman World**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

FANTAR, M. H. *et al.* **La mosaïque en Tunisie**. Tunis: Les Éditions de la Méditerranée, 1994.

FRADIER, G. **Mosaïques romaines de Tunisie**. Tunis: Cérès, 1997.

KHADER, A. B. A.-B. *et al.* (dir.). **Image in stone**; Tunisia in mosaic. Paris: Ars Latina/Union Latine/Tunisian Agency for the Development of Heritage and Cultural Promotion, 2003.

KHADER, A. B. A.-B.; SOREN, D. **Carthage**; a mosaic of Ancient Tunisia. New York – London: The American Museum of Natural History – W. W. Norton, 1987.

LAVAGNE, H. *et al.* (dir.). **Mosaïques, trésor de la latinité**; des origines à nos jours. Quetigny: **Ars Latina** / Union Latine, 2000.

LING, R. **Ancient mosaics**. London: British Museum Press, 1998.

YACOUB, M. **Le Musée du Bardo**; Départements Antiques. Tunis: Éditions de l'Agence Nationale du Patrimoine, 1993.

Obras de referência

BERARDINO, A Di (org.). **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BRANDÃO, J. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia e religião romana**. Brasília/Petrópolis: EdUnb/Vozes, 1993.

GAFFIOT, F. **Dictionnaire latin français**. 52. ed. Paris: Hachette, 1998.

LAMBOLEY, J.-L. **Lexique d'histoire et de civilisation romaines**. Paris: Ellipses, 1995.

RICH, A. **Dictionnaire des Antiquités Romaines et Grecques**. Singapour: Molière, 2004.

Bibliografia

BARTON, C. A. **The sorrows of the Ancient Romans**; the gladiator and the monster. Pinceton, NJ: Princeton University Press, 1993.

BÉRARD, C. Iconographie, iconologie, iconologique. **Études de Lettres** (Revue de la Faculté de Lettres de l'Université de Lausanne) 4, p. 5-37, 1983.

BUSTAMANTE, R. M. da C. **Ludi circenses**: comparando textos escritos e imagético. **Phoînix**. Rio de Janeiro: Mauad, v. 11, p. 221-245, 2005.

CALAME, C. **Le récit em Grèce Ancienne: ennonciations et représentations de poètes**. Paris: Meridiens Klincksieck, 1986.

CAVALLO, G. Entre **volumen** e **codex**: a leitura no mundo romano. In: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (org.) **História da leitura no mundo ocidental**. v. 1. São Paulo: Ática, 1998, p. 71-102.

DECRET, F.; FANTAR, M. H. **L'Afrique du Nord dans l'Antiquité**; histoire et civilisation des origines au Ve. siècle. 2. ed. Paris: Payot, 1988.

DUNCAN-JONES, R. Wealth and munificence in Roman Africa. **Papers of the British School at Rome**. London: British Academy, v. 31, p. 159-177, 1963.

FÉVRIER, P.-A. **Approches du Maghreb Romain**; pouvoirs, différences et conflits. 2 t. Aix-en-Provence: ÉDISUD, 1989-1990.

FRASCHETTI, A. **Rome et le prince**. Paris: Belin, 1994.

FRONTISI-DUCROUX, F. **Du Masque au Visage: Aspects de l'Identité en Grèce Ancienne**. Paris: Flammarion, 1995.

GARDINER, E. N. **Athletics in the Ancient World**. Mineola, NY: Dover Publications, 2002.

GARRAFFONI, R. S. **Panem et circenses**: máxima antiga e a construção de conceitos modernos. **Phoînix**. Rio de Janeiro: Mauad, v. 11, p. 246-267, 2005a.

GARRAFFONI, R. S. **Gladiadores na Roma Antiga**; dos combates às paixões cotidianas. São Paulo: Annablume – FAPESP, 2005b.

GIRARD, R. **A violência e o sagrado**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP e Paz e Terra, 1990.

GONÇALVES, A. T. M. **Funus imperatorum**: uma análise da cerimônia de apoteose do imperador Septímio Severo. **Phoînix**. Rio de Janeiro: Mauad, v. 9, p. 25-36, 2003.

GONÇALVES, A. T. M. Jogos e festas no Alto Império romano: alegria, sacralidade e identidade. In: LIMA, A. C. C.; TACLA, A. B. (org.) **Experiências politeístas**. Cadernos do CEIA, n. 1. Niterói: Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade/UFF, 2008, p. 52-62.

GRIMAL, P. **As cidades romanas**. Lisboa: Edições 70, 2003.

HUSKINSON, J. (ed.). **Experiencing Rome**; culture, identity and power in the Roman Empire. London: Routledge – Open University, 2000.

JULIEN, Ch.-A. **Histoire de l'Afrique**; des origines à 1830. 3. ed. Paris: Payot, 1994

KHANOUSSE, M. Jeux d'amphithéâtre et spectacles athlétiques. In: FANTAR, M. H. *et al.* **La mosaïque en Tunisie**. Tunis: Les Éditions de la Méditerranée, 1994, p. 156-175.

KÖHNE, E.; EWIGLEBEN, C. **Gladiators and Caesars**; the power of spectacle in Ancient Rome. London: British Museum Press, 2000.

KYLE, D. G. **Sport and spectacle in the Ancient World**. Oxford: Blackwell, 2007.

LEPELLEY, Cl. **Les cités de l'Afrique Romaine au Bas-Empire**. 2 t. Paris: Études Augustiniennes, 1979/1981.

LESSA, F. de S. Atividades esportivas nas imagens áticas. **Phoînix**. Rio de Janeiro: Mauad, v. 11, p. 57-70, 2005a.

LESSA, F. de S. O esporte como memória e festa na Hélade. In: LESSA, F. de S.; BUSTAMANTE, R. M. da C. (org.) **Memória e Festa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005b, p. 327-334.

LUSSANA, A. Munificenza nell'Africa Romana. **Epigraphica**. Bologna: Università di Bologna, v. 14, p. 100-113, 1952.

MAHJOUBI, A. O período romano e pós-romano na África do Norte. In: MOKHTAR, G. (coord.) **História Geral da África**. v. 2: A África Antiga. São Paulo – Paris: Ática – UNESCO, 1983, p. 473-509.

MANTON, E. L. **Roman North Africa**. London: Seaby, 1988.

MARROU, H.-I. **História da educação na Antiguidade**. 5. ed. São Paulo: E.P.U., 1990.

PICARD, G.-Ch. **La civilisation de l'Afrique Romaine**. 2. ed. Paris: Études Augustiniennes, 1990.

POLIAKOFF, M. B. **Combats sports in the Ancient World**. New Haven and London: Yale University, 1987.

RAVEN, S. **Rome in Africa**. 2. ed. London – New York: Longman, 1984.

ROBERT, J.-N. **Os prazeres em Roma**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SAHLINS, M. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

SCHEID, J. **La religion des romains**. Paris: Armand Colin, 1998.

SENNETT, R. Nudez. O corpo do cidadão na Atenas de Péricles. In: _____. **Carne e pedra**; o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1977.

THÉBERT, Y. Vida privada e arquitetura doméstica na África Romana. In: ARIÈS, P., DUBY, G. (org.) **História da vida privada**. v. 1: do Império Romano ao ano mil (org. P. Veyne). São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 300-398.

THUILLIER, J.-P. Les origines de la gladiature: une mise au point sur l'hypothèse étrusque. In: DOMERGUE, Cl. *et al.* (ed.) **Spectacula I**; gladiateurs et amphithéâtres (Attes du Colloque tenu à Toulouse et à Lattes, les 26-29 mai 1987). Lattes: Imago Éditions et Musée Archéologique Henri Prades, 1990, p. 137-141.

THUILLIER, J.-P. **Le sport dans la Rome Antique**. Paris: Errance, 1996.

VEYNE, P. **Le pain et le cirque**; sociologie historique d'un pluralisme politique. Paris: Seuil, 1976.

VEYNE, P. O Império Romano. In: ARIÈS, P., DUBY, G. (org.) **História da vida privada**. v. 1: do Império Romano ao ano mil (P. Veyne, org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 193-194.

VILLE, G. **La gladiature en Occident des origines à la mort de Domitien**. Paris: École Française de Rome, 1981.

WIEDEMANN, T. **Emperors and gladiators**. London: Routledge, 1995.

¹ O presente artigo aprofundou aspectos apresentados no XXIV Simpósio Nacional de História, realizado no período de 15 a 20 de julho de 2007 na UNISINOS, em São Leopoldo/RS, e promovido pela Associação Nacional de História (ANPUH).

² Na luta grega clássica, o vitorioso era aquele que conseguia derrubar três vezes seu adversário sem cair; do contrário, o golpe era anulado. Eram permitidas chaves de braço, pescoço e de corpo, mas vetadas as chaves de perna. Possivelmente, a rasteira podia (MARROU, 1990, p. 194).

³ Combate ginástico de origem helênica, que combinava a luta e o boxe com as mãos nuas. Os contendores poderiam empregar quase toda espécie de golpes (socos, pontapés, torções, chaves de braço e de perna, estrangulamentos, mordidas...), exceto enfiar os dedos nos olhos e nos orifícios do rosto do adversário. O combate continuava mesmo com os lutadores derrubados no chão, demarcando a fase final da disputa. O terreno da luta, escavado com o enxadão, era molhado previamente, e os combatentes chafurdavam, deslizavam e rolavam na lama. O final do combate se dava com a desistência de um dos lutadores, que levantava o braço, ou com o desfalecimento ou morte de um dos adversários (RICH, 2004, p. 455; MARROU, 1990, p. 195-196).

⁴ Kyle (2007, p. 23-37) também trata de esportes e espetáculos entre egípcios, mesopotâmicos, povos do Oriente Próximo e hititas. Porém, corresponde apenas a aproximadamente 2,5% do livro, enquanto predomina o estudo dessas atividades realizadas pelos gregos sobretudo e romanos. Paradoxalmente, constatamos o tão criticado “classicismo”, denunciado pelo autor na introdução do livro.

⁵ O termo significa formigas pela analogia com a sua capacidade de morder; é uma referência ao seu poder de ferir o adversário.

⁶ São luvas almofadadas que, devido à sua aparência arredondada, são conhecidas por bolas ou esferas.

⁷ Manopla que consistia em correias de couro atadas em torno das mãos e dos punhos e subindo, algumas vezes, até o cotovelo; podia ser equipada com chumbo ou cravos de metal.

⁸ Assim, por exemplo, para a poesia épica, encontramos na obra homérica, datada do período arcaico, o pugilato nos jogos fúnebres em homenagem a Pátroclo (**Ilíada** XXIII, vv. 603 e 683-699) e na competição proposta por Alcínoo (rei dos feácios) a Odisseu (**Odisséia** VIII, vv. 97-103 e 130), quando o acolhe em seu reino. Por sua vez, Virgílio, poeta latino do início do período imperial romano, escreve sobre os jogos fúnebres oferecidos por Enéias em homenagem ao seu pai, Anquises, dentre os quais, estava o pugilato (**Enéida** V, vv. 379). Há de se considerar que as epopéias homéricas serviram como referenciais para a epopéia virgiliana.

⁹ Além dos dois autores, na produção bibliográfica especializada em práticas esportivas no mundo antigo, há farta referência e reproduções fotográficas de vasos, estatutária, baixos-relevos, afrescos, mosaicos, lamparinas... com cenas de pugilato.

¹⁰ Local em que os atletas treinavam esportes de combate. Será explicitado mais adiante no artigo.

¹¹ Recipiente para tirar água de um pote; sua extremidade inferior terminava em ponta para facilitar a imersão.

¹² Sob a mesma ótica, Thuillier (1990) também abordou as origens da gladiatura romana, discutindo a tese da origem etrusca dos *ludi circenses* e apontando a necessidade de considerar também outros elementos.

¹³ Focéia era uma antiga cidade da Ásia Menor (Jônia) fundada pelos gregos. Os focueus, cuja cidade foi conquistada pelos persas (546 a.C.), fundaram Massília (atual Marselha) Marselha. Em virtude de interesses comerciais no Mediterrâneo Ocidental, esses colonos focueus entraram em conflito com cartagineses e etruscos.

¹⁴ Os antigos romanos acreditavam que, com a morte, as almas dos homens tornavam-se espíritos, que continuavam a exercer influência sobre os vivos; os que se tornaram gênios benfazejos eram denominados de *Lares*; os outros, espíritos malfazejos, que não recebiam o culto funerário devido, eram chamados de *Larvae*.

¹⁵ Um dos sete reis lendários de Roma.

¹⁶ O pentatlo tinha um prestígio especial, pois combinava cinco diferentes práticas esportivas, o que exigia uma maior diversificação dos movimentos corporais, força física, velocidade, destreza e resistência, por conseguinte, seu vencedor seria o atleta mais completo (LESSA, 2005, p. 59; MARROU, 1990, p. 194).

¹⁷ O gosto romano pelos combates gladiatoriais também foi utilizado para fundamentar uma concepção da Roma Antiga como alienada e hedonista. A historiografia, a partir do século XIX, tendeu a reduzir os jogos gladiatoriais à expressão *panem et circenses* do poeta latino Juvenal (*Sátira* X, 81), construindo uma imagem do povo romano como ocioso e apolítico (GARRAFFONI, 2005a, p. 246-267), que foi vulgarizada pelo discurso fílmico. Desde o final do século I a.C., a popularidade dos espetáculos fez com que o seu oferecimento se convertesse num meio eficaz de conquistar prestígio. Ademais, constituía-se num vetor de exibição da riqueza do ofertante. A tendência de os espetáculos servirem como instrumento de vantagens políticas acentuou-se no período imperial, pois os jogos eram uma atividade que congregava todos os grupos sociais e canalizavam a energia popular. Entretanto, a perspectiva passiva do espectador e o efeito “alienador” dos espetáculos devem ser relativizados, pois estes também podiam se tornar num lugar de manifestação das insatisfações populares, pressionando as autoridades no atendimento das suas exigências, ainda mais numa época em que as assembleias foram esvaziadas de poder e

passaram a ser uma mera formalidade (Ver VEYNE, 1976; VILLE, 1981; WIEDEMANN, 1995; KÖHNE; EWIGLEBEN, 2000). Os espetáculos romanos foram, entretanto, um fenômeno bastante complexo, com diferentes usos e significações GARRAFFONI, 2005b).

¹⁸ Uma das principais práticas rituais, que fundamentavam a religiosidade greco-romana, era o sacrifício. A relação entre violência e o sagrado foi desenvolvida no estudo clássico de Girard (1990; original de 1972).

¹⁹ Brandão (1993: 176) acentua o caráter religioso dos *ludi* ao apresentar um estudo etimológico desta palavra: “jogos de caráter religioso ou oficial”; “*ludere*, de onde provém *ludus*, significaria ‘estar solto, livre’, isto é, perder o controle sobre si mesmo, [...] deixar-se arrastar pela força inspiradora divina de um ritmo interior, um como que ser dominado pelo êxtase e entusiasmo dionisíacos”; “*ludus* teria sido importado juntamente com a instituição [etrusca], quiçá de cunho religioso, que o vocábulo designa”. Tertuliano referiu-se a essa origem etrusca dos jogos: “Há muitos autores que pesquisaram sobre este tema [a origem dos jogos]. Eles nos falam da seguinte origem: Timeu conta que os lídios, vindos da Ásia a mando de Tirreno, se assentaram na Etrúria; este Tirreno havia sido derrotado por seu irmão na disputa pelo trono. Pois bem, entre outros ritos próprios de suas superstições, instituíram também na Etrúria, os espetáculos...” (TERTULIANO. **Sobre os espetáculos** 5 ss.). Sobre a relação entre religião e jogos, ver BUSTAMANTE, 2005, p. 221-245 e GONÇALVES, 2008, p. 52-62.

²⁰ Os *ludi votivi* subdividiam-se em: *ludi votivi* propriamente ditos, oferecidos ao povo em cumprimento do voto de um magistrado num momento difícil e de perigo iminente para a segurança do Estado (guerra, fome, peste...); *ludi funebres* celebrados pelos parentes próximos do morto, principalmente por ocasião dos seus funerais (sobre funerais imperiais, ver FRASCHETTI, 1994, p. 51-129 e GONÇALVES, 2003, p. 25-36), visando garantir a paz para sua alma na outra vida; *ludi triumphales* dedicados ao povo pelos generais vencedores de uma guerra ou batalha decisiva, em cumprimento de um voto anteriormente formulado; e *ludi dedicatorii*, solenidade presidida pelo censor ou pretor urbano para inauguração de um templo ou monumento público.

²¹ Os magistrados eram responsáveis por manter um ritual muito preciso, do qual não se podia afastar sob pena de recomeçá-los, condizente, portanto, com uma característica religiosa romana, a *ortopraxis*, denominação de Scheid (1998, p. 20) para a execução correta dos ritos prescritos, visando garantir a sua eficiência pelo zelo da observância ao dar visibilidade ao compromisso dos romanos com os deuses.

²² Os jogos públicos, que estavam relacionados aos cultos da cidade, dependiam dos pontífices e aqueles, que se relacionavam aos cultos estrangeiros, dos *decemviri sacris faciundis*. Gradativamente, foram os edis e, posteriormente (a partir de 22

a.C.), os pretores que se tornaram os encarregados por sua organização. As despesas ocasionadas pelos jogos públicos eram pagas pelo Tesouro, mas, muito freqüentemente, as somas que lhes eram destinadas, eram insuficientes, pois os magistrados se rivalizavam na magnificência.

²³ Palestra do Prof. Dr. Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses (USP) no *workshop* “Imagem e História: estudos de iconografia e interpretação”, promovido pelo LHIA/UFRJ, no período de 16 a 20/10/ 1998.

²⁴ O banho compreendia tradicionalmente três fases. Após se despir no *apodyterium*, seguia-se para a sala fria (*frigidarium*); a seguir, a tépida (*tepidarium*); e, por fim, a quente (*caldarium*). Podia ainda haver uma espécie de sauna para transpirar (*sudarium*) e até um *laconicum*, cuja temperatura deveria ser ainda mais alta. O piso de mosaico das salas era suspenso e sustentado por pilares de tijolos, criando um espaço para circularem os gases quentes de uma grande fornalha de bronze, aquecendo as salas (*hipocaustum*). Havia ainda piscinas e locais para unção com óleos perfumados, massagens e depilação. Ver: VITRÚVIO. **Arquitetura** V, 10, 1-5.

²⁵ Poderia haver bibliotecas – menores que as públicas – anexas às grandes termas. Cavallo considera que talvez as obras fossem lidas ao longo das alamedas, no interior da basílica ou nas salas das termas. Aventa que o seu acervo fosse composto, principalmente, de literatura de evasão (CAVALLO, 1998, p. 77).

²⁶ As mulheres tinham acesso à terma em horários reservados ou em partes do edifício, que lhes eram destinadas. Por algum tempo, os banhos tornaram-se mistos, voltando a ser separados por sexo no governo de Adriano (117-138). O clima era, geralmente, de muita sensualidade, o que despertou as críticas dos moralistas cristãos contra esses estabelecimentos (BERARDINO, 2002, p. 1347).

²⁷ A presença do mosaico foi tão acentuada no Império Romano que, para alguns estudiosos, obliterou a querela da origem do mosaico já que se partiu da premissa de que “o verdadeiro autor de uma invenção é sempre aquele que crê com tal força de convicção que impõe o seu uso sem necessitar reivindicar uma certidão de nascimento”. Era o caso do Império Romano (LAVAGNE *et al.*, 2000, p. 19).

²⁸ Ver: KHADER, 1987, p. 132-135; YACOUN, 174-177; FANTAR *et al.*, 1994, p. 16-59; FRADIER, 1997, p. 9-20; LING, R. 1998, p. 77-97; DUNBABIN, K. M. D. 1999, p. 101-129; BLANCHARD-LEMÉE, *et al.*, 1996, p. 11-15; LAVAGNE *et al.*, 2000, p. 68-74; KHADER *et al.*, 2003, p. 25-114.

²⁹ Com Augusto (27 a.C. -14), a África Velha (província romana criada após a derrota cartaginesa na 3ª. Guerra Púnica, em 146 a.C.), a África Nova (província romana formada em 46 a.C., após a vitória de Júlio César nas Guerras Cívicas do 1º. Triunvirato, e era composta, em grande parte, do Reino da Numídia) e mais as quatro colônias de Cirta, que Júlio César concedera ao italiano P. Sítio, foram unificadas, formando a África Proconsular, sob a administração de um procônsul, representante do Senado

romano. Entre 294 e 305, a fim de reforçar a autoridade imperial e, ao mesmo tempo, diminuir a do procônsul, cujo poder, em geral, fazia o jogo dos usurpadores, e ainda para aumentar os recursos fiscais destinados a enfrentar as ameaças externas, a África Proconsular foi dividida em três províncias autônomas: ao norte, a Zeugitânia ou província Proconsular propriamente dita; ao centro, a Bisacena; e a sudeste, a Tripolitânia.

³⁰ Anteriormente, poderia ter existido um assentamento berbere. Esta hipótese foi levantada em virtude da provável origem berbere do nome Thuburbo.

³¹ Para Lepelley (1981, p. 199), o *pagus* (comunidade) de cidadãos romanos, implantado por Augusto junto à Thuburbo Maius, foi fundido na época de Cômodo com o município de Thuburbo Maius, criado durante o governo de Adriano, para originar a colônia honorária. Como esse *pagus* estava relacionado à colônia juliana de Cartago, Thuburbo Maius recebeu o sobrenome de Iulia.

³² Na África do Norte, mais de 50 antigas cidades indígenas receberam o título de colônia honorária. Mesmo com a extensão do direito de cidadania, concedida pelo Edito de Caracala (imperador romano de 211-217), em 212, aos habitantes de todas as cidades (excetuando-se aquelas que resistiram ao domínio romano e certas categorias de pessoas), o governo imperial continuou a conceder, a pedido das próprias comunidades, os *status* de município e de colônia. Do imperador Severo Alexandre (222-235) ao Galieno (253-268), numerosas cidades foram promovidas a colônias (LEPELLEY, 1979, p. 122). A idéia de que essa ascensão significava o fim de uma sujeição, a assimilação ao vencedor permanecia ainda viva, apesar de as vantagens pessoais ou fiscais, ligadas ao novo *status*, desaparecerem. Assim, mesmo após o Edito de Caracala, certas comunidades renunciaram a algumas instituições tradicionais (como os sufetas, magistrados locais de origem púnica) para alcançar a honra de se tornarem uma cidade romana. Daí, em muitas inscrições norte-africanas do Baixo Império, os títulos de município e colônia serem ainda citados (LEPELLEY, 1979, p. 128-132). Roma incentivava a lealdade das comunidades locais já existentes através da concessão do título honorífico de colônia, como recompensa por sua fidelidade, quando sua história tornasse possível, desejável ou necessária essa transformação, tanto para o sistema imperial como para os habitantes da cidade. As concessões de direito de cidadania estavam estreitamente relacionadas à romanização; eram um tipo de reconhecimento de um grau de romanização suficiente para justificar a agregação de uma cidade à comunidade dos cidadãos romanos. Entretanto, uma romanização mais intensa era também incentivada por essa concessão, que favorecia um movimento espontâneo de adesão em favor dos costumes e leis romanos.

³³ Templo para culto da Tríade Capitolina: Juno, Júpiter e Minerva, que protegia Roma. Foi construído em 168 numa plataforma artificial: chegava-se por uma escada de 13 degraus ao pronaos com seis colunas coríntias de 8,5m de altura e feitas em mármore, das quais perduraram quatro.

³⁴ Centro da vida política de uma cidade romana. Foi construído no último terço do século II e restaurado em 376. Media 49m² e possuía uma colunata coríntia nos 3 lados, que não eram contíguos ao Capitólio.

³⁵ As Termas de Verão mediam 2.400m² e foram restauradas em 361. Eram compostas de: *apodyterium*, um *frigidarium* com duas piscinas recobertas de mosaicos brancos, dois *tepidarium*, uma estufa seca, um *caldarium*, uma sala com três piscinas quentes semicirculares (ver nota 24). Contíguo ao lado noroeste das termas, havia um espaço semicircular para as latrinas.

³⁶ As Termas de Inverno mediam 1.600m² e possuíam uma vintena de cômodos. Foram, aparentemente, muito alteradas e reformadas em fins do século IV. Menos espaçosas que as Termas de Verão, elas conservaram parcialmente os seus mosaicos de pavimentos.

³⁷ Como protetora e *Genius* da África, estava imbricada em todas as atividades da vida dos antigos africanos. Foi identificada ao princípio feminino, presidindo a fecundidade da terra. Era associada a Tanit cartaginesa. Inicialmente, a sua representação iconográfica era um corpo feminino leontocéfalo. No século I a.C., sob influência romana, houve uma dissociação entre a deusa, humanizada completamente, e o leão, seu atributo. Figurou, desde então, como uma mulher adornada com cabeça de elefante.

³⁸ Filha de Baal. Importante divindade do panteão fenício. Deusa da lua, da fertilidade, da sexualidade e da guerra, adorada principalmente em Sídón, Tiro e Biblos, que fundaram colônias na África Romana.

³⁹ Uma característica do politeísmo romano era a personificação e a divinização de virtudes.

⁴⁰ A Palestra dos Petronii foi edificada em 225 por Felix Petronius e seus filhos. O pórtico era em estilo coríntio. Num dos seus ângulos, foi gravado o jogo das 36 letras.

⁴¹ Em fins do século III, a cidade passou por uma crise. Mas, no século IV, se recuperou e vários prédios foram restaurados, como exposto nas notas anteriores. Por esse motivo, a cidade passou a ser chamada de Res Publica Felix Thuburbo Maius.

⁴² Estes complexos termais privativos também foram construídos em outras residências da cidade, como na Casa do Auriga.

⁴³ O mosaico faz parte de acervo do Museu Nacional do Bardo na Tunísia (nº. de registro: A 373). Mede 0,80m X 1,05m.

⁴⁴ Um ornato em relevo. Normalmente, este painel isolado era preparado com antecedência ou comprado pronto de comerciantes, enquanto a maior parte do pavimento era colocada no próprio local. Geralmente, era fabricado nas proximidades; mas há também evidência, tanto literária quanto arqueológica, de exemplares sendo exportados de uma parte a outra do Mediterrâneo.

⁴⁵ Peças de pedra, vidro ou terracota cortadas, aproximadamente, no formato de um cubo.

⁴⁶ Para os helenos, a nudez atlética era uma distinção em relação aos bárbaros. Muitas vezes, estava associada ao regime democrático, pois o ato de exibir a nudez em atividades atléticas era considerado como uma confirmação da dignidade do cidadão, reforçando os laços cívicos entre atenienses (LESSA, 2005a, p. 61 e 2005b, p. 331; SENNETT, 1977, p. 30; MARROU, 1990, p. 200). A relação entre nudez e democracia confronta-se com a informação de Tucídides (**Guerra do Peloponeso I**, 6) de que uma das inovações para a técnica esportiva helênica introduzida pelos espartanos, cujo regime político era oligárquico, foi a nudez completa do atleta, em contraposição aos calções estreitos dos tempos minóicos (MARROU, 1990, p. 37). Podemos, então, aventar que os atenienses ressemantizaram essa prática.

⁴⁷ Ver: DECRET & FANTAR, 1988; FÉVRIER, 1989 e 1990; JULIEN, 1994; MAHJOUBI, 1983; MANTON, 1988; PICARD, 1990; RAVEN, 1984.